

SAMAMBAIA / TREPadeira

JEAN SABBATH

LUIZ MÁRCIO RIBEIRO VIANA

2o Ciclo Básico da Faculdade de Ciências
Econômicas

Lourival nunca tinha namorado antes de conhecer Marina. Era um cara quieto. Um desajeitado. Marina filha única de viúva já passava dos vinte e cinco. Trabalhava numa loja de roupas. Tudo aconteceu no ônibus. Depois de muitos olhares e tentativas obstadas pela vergonha, Lourival falou de dias quentes, muito trabalho e levou-a até em casa. A casa era pequena. Na medida pra mãe e filha. A varanda azulejada de vermelho encerado e uma selva de samambaias e pequenas florzinhas roxas. Foi lá que se sentaram depois das apresentações. “Mãe, Lourival, um amigo”. “Prazeres”. Dona Clotilde era gorda e vermelha, o cabelo prêso em coque, antiga. Falou pra ter cuidado com as plantas e sumiu-se de nôvo na intimidade da casa. Pela porta aberta na passagem, Lourival viu a sala num relance. Um retrato do pai, naquele verde dos retratos retocados e antigos. Em cima da mesa toalha de crochê, jarrinha com flôres de papel. Lourival naquele dia deve ter fumado uns dez cigarros, pernas cruzadas a tôda hora, tomado de timidez. Marina parecia uma menina. Falante e contadeira de casos. Quando se despediram, Lourival já sabia metade da sua vida, desde o curso primário e primeiras vivências. Combinaram pro dia seguinte um encontro. Ficou certo um cinema. Depois do serviço. Lourival

passou o dia seguinte sem tirar o olho do relógio. No final do expediente foi o primeiro a fechar a caixa. Saiu do banco asso-
biando, o cigarro aceso, a ânsia brincando dentro do seu peito. Marina estava na porta da loja, arrumada, vestido puxado para o vermelho mas de muito recato. Quando Lourival apareceu entre a multidão ela passou a mão nos cabelos e olhou para o outro lado. Saíram os dois. Lourival se desculpando do atraso. Era o serviço que era muito, os dias quentes. O sorriso ocupando a boca de Marina. “Mamãe te achou muito simpático”. A felicidade. No cinema, entradas e drops. Na saída mãos dadas. Dona Clotilde esperava na varanda. Molhava suas plantas. Choronas e espadas de São Jorge. Lourival desprendido de sua timidez ria e falava da sua casa e irmãos. Entre os dedos o cigarro sem filtro, dos fortes, sempre aceso. A despedida já fôra mais de conhecimento antigo, um beijo no rosto. O caminho até em casa a pé. Pensando. No serviço Lourival já não era o mesmo. Ficava horas olhando sem direção fixa, sonhando. Via Marina linda, um vestido branco, noiva. Via Marina louca, um corpo branco, nua. A fila sempre aumentando no seu guichê. Cheques pagos de menos. O cinzeiro cheio. Depois do serviço corrida até em casa. Jantar engolido. Marina sempre o esperava no portão. Já conhecia todos os seus vestidos. Na varanda entre as folhagens os dois se abraçavam e ficavam horas. Um amor vegetal.

Marina inda era a mesma passados três meses de encontros diários, acrescidos agora da hora de almoço e jantar. Lourival dava sempre um jeito de aparecer por lá essa hora. A varanda os escondia dos olhares da rua. Vez ou outra D. Clotilde vinha com o cafèzinho, sempre requentado. Lourival entre dois cigarros se arriscava sempre num carinho mais audacioso. No dia em que Marina levantou a blusa e lhe mostrou os seios, Lourival nem dormiu à noite. Foi rápida a compra de alianças. O noivado. D. Clotilde agora regava suas plantas só de manhã e de tarde, era pra não importunar. Podiam ficar mais tempo juntos agora. Marina tinha saído do emprêgo pra cuidar do enxoval. Podiam até ficar na sala mas já tinham se acostumado no meio das plantas. A varanda era o refúgio. Fala baixa. Beijos na boca. Aquele ar vegetal excitava. Quando tinha vento as samambaias

pareciam abraçá-los. Um dia uma pegou de laço o pescoço de Lourival querendo enforcá-lo. Um ligeiro ataque de ciúmes. Foi logo repreendida por Marina. Murchou na hora. Às vêzes quando Lourival falava alguma coisa mais cafona as plantas sussurravam risos de censura. Já tinham tomado intimidade. Quando Lourival começou a aparecer tôdas as manhãs, D. Clotilde só regava as plantas à tarde. Se plantavam os dois na varanda e ficavam sem assunto mas olhos brilhantes. A felicidade. Liam junto os jornais e combinavam quantos filhos. Perdidos no tempo. Um dia na hora do serviço Lourival se levantou da cadeira e já ia indo quando não pôde dar um passo. Nem Marina. Raízes saíam dos seus pés e se cravavam no lajeado vermelho. Não dava pra arrancar. O corpo dêle foi logo enverdecendo e êle sentiu o gôsto daquele dentifrício na bôca. O corpo de Marina foi afinando e nas pernas flôres miúdas vermelhas foram surgindo de minuto a minuto. Em Lourival os cabelos cresciam pra baixo, verdes, enormes. O fino porte de Marina alcançou a parede e foi subindo, colando. A flor miúda vermelha tinha cheiro de alfazema. Os cabelos dêle já arrastavam-se no chão, verdes, soberbos. À tarde, quando D. Clotilde foi regar as suas plantas molhou também a nova samambaia e trepadeira. Só que até hoje ela não sabe a quem agradecer pelo presente.



